

FUTEBOL DE MULHERES NO RIO DE JANEIRO

Representações na imprensa no início do século XX

WOMEN'S FOOTBALL IN RIO DE JANEIRO

Media representations in the early 20th century

*KELEN KATIA PRATES SILVA*¹

*FABIANO COELHO*²

RESUMO

O futebol é uma construção social, política, cultural e econômica das sociedades que o forja. Assim, historicamente, vincula-se o futebol a diversos âmbitos da vida. Não é exagero dizer que podemos ler uma sociedade por meio dos seus esportes. Este artigo analisa o futebol de mulheres no Brasil, em especial, na cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. A pesquisa dialoga com os estudos de gênero e com a teoria das representações, e tem como fonte principal o periódico *Jornal dos Sports*, um dos primeiros jornais especializados em esportes no Brasil. As análises evidenciam que, no Rio de Janeiro, no início do século XX, mulheres resistiram às representações machistas e moralistas de que seus corpos não eram aptos à prática do futebol. Em uma sociedade em que as representavam como corpos frágeis e limitados, mulheres, em diversos espaços, construíram seu protagonismo e deixaram um legado de que futebol também é coisa de mulher.

Palavras-chave: Futebol. Mulheres. *Jornal dos Sports*. Representações. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Football is a social, political, cultural, and economic construction of the societies in which the sport is played. Thus, from a historical perspective, football can reflect a variety of aspects of life, and it is no overstatement to say that we can read a society through sport. This article analyzes women's football in Brazil, with a focus on the city of Rio de Janeiro in the first decades of the 20th century. The research intersects with gender studies and the theory of representation, and its

¹ Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). E-mail: kelenkatia@hotmail.com

² Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/UFGD). Pós-Doutor em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH/UFF). Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em História da UFGD. Integra, na qualidade de pesquisador associado, o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Propriedades: História Social das Propriedades e Direitos de Acesso. E-mail: fabianocoelho@ufgd.edu.br.

main source is *Jornal dos Sports*, one of the first newspapers dedicated to sport in Brazil. Our analysis shows that in Rio de Janeiro at the beginning of the 20th century, women resisted the sexist and moralist representations and assumptions that female bodies were unsuitable to play football. In a society in which women's bodies were represented as fragile and limited, women from different contexts constructed their own stories and left a legacy proving that football is also a sport for women.

Keywords: Football. Women. *Jornal dos Sports*. Representation. Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

A História, atividade intelectual e ofício, possui métodos de pesquisa que sustentam e justificam sua existência como um saber científico e escolarizado. Do século XIX, ano de sua institucionalização, ao século XXI, a historiografia passou por diversas transformações teóricas e metodológicas. De uma ciência pretensamente imparcial e positiva, a História foi tensionada no século XX a rever suas práticas e se voltar para a humanidade em sua diversidade e múltiplas relações. Não foi um processo linear, tampouco harmonioso, porém, os castelos que aprisionavam os/as profissionais da História aos poucos foram abalados e abertos para novas descobertas.

No século XX, novos métodos foram inaugurados, sobretudo pela Escola dos Annales, diante dos questionamentos da postura tradicional da Escola Metodica francesa (BOURDÉ; MARTIN, 2018). O movimento dos Annales, que se iniciou em 1929, na França, teve entre seus principais precursores Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernando Braudel. É possível identificar mudanças importantes que acompanharam os/as historiadores/as que integraram os Annales: o alargamento do campo documental, a interdisciplinaridade, o rompimento e a recusa de uma história essencialmente política, a abertura de novos campos de estudos e a proposição de uma história problema (REIS, 2004; 2010).

A produção histórica tem suas especificidades, dentre elas o trabalho com o tempo, o espaço e a problematização. Existe uma relação histórica entre história e futebol (SANTOS, 2020). A produção sobre futebol nas Ciências Humanas no Brasil avançou significativamente, sobretudo, no último quartel do

século XX. O esporte, conforme José D'Assunção Barros, “constitui um universo em permanente transformação, relacionados aos contextos históricos que o definem e que ele mesmo, como força social e cultural atuante, ajuda a definir” (BARROS, 2013, p.11).

Entre as possibilidades de pesquisa sobre esportes, especificamente do futebol, é possível compreendê-lo com um espaço de disputa de poder e de relações de gênero. Mariane da Silva Pisani reflete que, “ao utilizarmos a categoria gênero, que é inter-relacional, para pensar a modalidade esportiva futebol, introduzimos novas direções, perspectivas e teorias na área dos Estudos dos Esportes” (PISANI, 2020, p. 317). O futebol, ao longo do tempo, foi pensado e construído pela imposição do gênero masculino sobre as mulheres. A máxima de que o futebol “não é coisa para mulher” é a evidência mais trágica dessa invenção mentirosa.

Este artigo contribui com a história dos esportes, mais precisamente com a história do futebol de mulheres³ no Brasil entre os anos de 1931 e 1941, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos como fonte de pesquisa o diário esportivo *Jornal dos Sports*, um dos primeiros periódicos especializados em esportes criado no país. Analisar o futebol de mulheres por meio desse diário é uma oportunidade teórica e metodológica para refletir como a imprensa é um manancial fértil para entendermos os caminhos e descaminhos das práticas esportivas no Brasil.

Nessa perspectiva, a ideia central da pesquisa é compreender os silenciamentos e as invisibilidades impostas à prática do futebol de mulheres no Brasil. As representações (CHARTIER 1990; 2011) criadas pela imprensa esportiva sobre os movimentos das mulheres em campo noticiavam os “malefícios” do futebol à saúde da mulher, outrora evidenciavam a curiosidade e o caráter de espetáculo dos jogos realizados.

³ A utilização do termo futebol de mulheres marca uma mudança de perspectiva nos estudos sobre essa prática. O chamado futebol feminino designa um conjunto de características atribuídas a noção de feminino, como: fragilidade, emoção, beleza. A antropóloga Claudia Samuel Kessler comenta que: “O termo futebol de mulheres se relaciona a um universo completo e heterogêneo, permeado por trocas entre pessoas de diferentes classes, etnias, gêneros e religiosidades, no interior desta coletividade. Ou seja, entendemos o termo “mulheres” como abrangendo corpos e subjetividades que não são neutros, abstratos e nem universais”. Ver: KESSLER, Cláudia Samuel. *Mais que barbies e ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*. 2015. 375 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

O futebol praticado por mulheres no Brasil desencadeou uma série de discussões sobre os espaços e as práticas permitidas e aconselhadas ao corpo feminino, resultando na proibição de modalidades esportivas para mulheres, entre elas o futebol, através da publicação do Decreto-lei 3.199 de 14 de abril de 1941. Almejamos com este texto contribuir com a história dos esportes, bem como desnaturalizar relações de preconceitos e estigmas face ao futebol de mulheres no Brasil.

1. O JORNAL DOS SPORTS E AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES EM CAMPO

Se a relação entre futebol de mulheres e produção acadêmica no campo historiográfico é embrionária, ressalta-se que, no campo jornalístico, as mulheres praticantes do futebol ocupavam páginas de notícias, propagandas e crônicas nos impressos do Brasil, pelo menos desde meados século XX.

Elegemos como fonte principal de pesquisa o Jornal dos Sports. Criado em 13 de março de 1931, o diário esportivo nasceu como um impresso voltado exclusivamente para o esporte, em suas diversas modalidades. No período estudado, é perceptível que, majoritariamente, o público leitor era composto pelas elites do Rio de Janeiro. Inclusive, na seção Opinião dos nossos leitores, localizada na segunda página do periódico, a maioria das opiniões eram de homens que pertenciam as elites locais, pois os nomes quase sempre vinham antecidos por “dr”.

O Jornal dos Sports se consolidou como um ávido defensor das práticas esportivas e se mostrou uma importante fonte de informação e construção do campo esportivo no Rio de Janeiro. Conforme Kelen Katia Prates Silva:

O jornal foi fundado por Argemiro Bulcão e Ozeas Mota, permanecendo com essa direção até o ano de 1936 quando foi vendido a Mário Filho e Roberto Marinho. Sob nova direção o Jornal dos Sports viveu seu momento de ascensão e hegemonia. Tal momento é atribuído pela imprensa pela significativa participação de Mário Filho na redação e na direção do jornal e duraria até 1966 com a morte de Mário Filho e alguns problemas financeiros enfrentados pelo Jornal dos Sports. O periódico se manteve no mercado dos impressos até 2007 (2020, p. 51-52).

O periódico foi fundado a partir do crescimento das notícias esportivas nos

jornais de grande circulação. O Jornal dos Sports se inseriu no mercado editorial com o objetivo de captar as informações sobre um imaginário urbano (e suburbano) centrado no esporte. Deste modo, “o Jornal dos Sports se tornaria um jornal esportivo, um veículo diário de comunicação e, principalmente, um ávido defensor da prática dos esportes entre a população carioca” (COUTO, 2011, p. 43). Ao se lançar como “a voz dos esportes”, o periódico procurou “privilegiar qualquer prática que se identificasse com o esporte e com o corpo, mesmo que não houvesse ainda uma identificação com a cultura nacional, como o golfe, por exemplo” (COUTO, 2011, p. 44).

O impresso, desde suas primeiras edições na terceira década do século XX, teve como público-alvo homens e mulheres, sobretudo, das elites do Rio de Janeiro. Observamos na página do jornal a presença de produtos e serviços para o público feminino, além de reportagens, como por exemplo, recomendações de prática de ginástica feminina e até mesmo entrevistas com mulheres atletas e torcedoras. Ao informar sobre as mais diversas práticas esportivas o periódico imprimia representações e colaborava para a organização e consolidação do campo esportivo no Rio de Janeiro, e de forma mais ampla no Brasil. Sobre os jogos de futebol de mulheres, o jornal atuou num “jogo das letras” que ora incentiva as mulheres à prática do esporte, outrora silenciava e invisibilizava sua participação no campo esportivo, em especial no futebol.

As mulheres, há muito tempo, estão presentes no campo esportivo. As primeiras narrativas da presença das mulheres no futebol se referem a elas como torcedoras. Deste modo, a presença do “elemento feminino” atribuía graça e beleza aos jogos de futebol de homens. Na primeira década do século XX, esporadicamente, jornais e revistas do Rio de Janeiro passam a divulgar o “futebol feminino”. Conforme Silva:

A imprensa do Rio de Janeiro já apontava, por volta de 1910, as mulheres no futebol. Os jornais divulgavam pequenas notícias sobre o “futebol feminino” em países como Argentina, Inglaterra e até um curioso caso de divórcio de uma jogadora austríaca, cujo marido entrou com a ação alegando que a esposa não cuidava do lar, abandonando filho e o marido para ir jogar futebol, ganhou as páginas de jornais. Os discursos da imprensa se pautavam no que se entendia por mulheres, futebol e da relação entre estas duas concepções (2020, p. 41).

Na transição da década de 1920 para 1930, os registros dessa prática

aparecem com maior frequência. Assim, percebemos o aumento no número de notícias referentes à prática do futebol por mulheres, bem como a ampliação do número de impressos que comentavam sobre essa prática. De acordo com Silva, “a prática do futebol por mulheres ganhou representações diversas ao longo do tempo. No início do século XX as realizações desses jogos, assim como sua divulgação, enfatizavam o caráter beneficente da prática e a curiosidade que essa causava no público” (2020, p. 103). É importante ressaltar que, as mulheres, inicialmente as pertencentes à elite, vivenciavam o futebol enquanto lazer. Ao frequentarem as arquibancadas davam assistência aos jogos de homens. Quando o futebol ganhou adeptos no subúrbio, por volta de 1920, outras mulheres ocuparam as arquibancadas.

As primeiras iniciativas do futebol de mulheres, caracterizadas como evento social/beneficente, harmonizavam os papéis definidos para a “mulher moderna”. Por consequência, os primeiros jogos de futebol de mulheres não visavam a competição, e sim a caridade. A ênfase dada nas notícias face o caráter beneficente da prática do futebol por senhoras e senhoritas, pertencentes a elite carioca, compunham uma narrativa que visava gerar curiosidade no leitor. Frequentemente, de acordo com Silva, os jogos eram anunciados como “uma curiosa exibição”.

Não raramente as notícias evidenciavam o caráter aristocrático da prática do futebol de mulheres. As notas sobre os prélios noticiavam os seletos bailes e o Jazz após os jogos. No século XX, com a criação de clubes de características variadas e diferentes classes sociais, o futebol de mulheres ocupou os programas de alguns festivais realizados no subúrbio do Rio de Janeiro (Silva, 2020, p. 128).

As notícias que tratavam dos jogos de futebol entre “times de moças” anunciavam também que os jogos aconteciam em tempo reduzido, como publicado no jornal O Paiz, em 1929: “Tratando-se, como no jogo em questão, de moças, os half-times terão só 25 minutos. Os regulamentos de football em vigor serão, entretanto, applicados a esse jogo”⁴. Este jogo realizado em 1929, no estádio do clube Vasco da Gama, em benefício de caixa escolar, é citado pelo Jornal dos Sports como o primeiro jogo de futebol disputado por moças no Rio de Janeiro.

⁴ Football Feminino. O Paiz. Rio de Janeiro, maio de 1929, Anno XLV, n. 16274. p. 8.

A prática do futebol de mulheres nos anos 1930 ganhou novos significados e, com isso, novos discursos colaboravam para a construção de representações sobre as categorias: mulheres, futebol e futebol de mulheres. O discurso de inaptidão das mulheres para a prática do futebol e o desejo de imitar os homens na prática desse esporte foi frequentemente publicizado nas páginas dos jornais nas primeiras décadas do século XX.

Nas investigações do *Jornal dos Sports* e outros impressos do Rio de Janeiro percebemos uma transformação na forma de se produzir notícias sobre o “futebol feminino”. As notas informativas enfatizavam a curiosidade dos jogos e ressaltavam seu caráter filantrópico, acompanhadas, quase sempre, da escalação dos “times de senhoras” com nome e sobrenome presentes nas notícias. Como exemplo disso, o jornal menciona o jogo entre S. Christovão e Vasco da Gama, realizado em 1929:

[...] A assistência mostrou-se muito interessada pela partida, acompanhando com entusiástica torcida o desenrolar da pugna. Os teams apresentaram-se assim constituídos: Vasco: Aloysia Duarte, Jane Gallegos e Maria Motta; Edith Amaral, Jandyra Mendonça e Didi Gamaro; Virgolina Carvalho. Nair Marinho, Rosinha Gamaro, Jacy Pimenta e Rufina Gallegos. S. Christovão: Maria Gomes, Martha Gallegos e Judith Dias; Leonor Costa, Yvete Mendes e Judith Faria; Nair Amaral, Nair Doria, Izar Gomes (Zázá), Maria José da Silva e Lydia Gomes Tenorio⁵.

A presença de nomes na notícia corrobora para visibilizar, mesmo que momentaneamente, a prática do futebol de mulheres. A medida em que os jornais anunciavam o futebol de mulheres como uma novidade nos clubes do Rio de Janeiro, outro elemento entrou em campo: o corpo feminino.

Os sentidos investidos no corpo das mulheres deram-lhe um lugar e funções pautadas nas significações sociais e morais. Ana Maria Colling observa que “as representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos [...]” (2014, p. 24). Historicamente, o lar foi o lugar designado à mulher. Ocupar espaços públicos e misturar-se aos homens significava trair sua natureza. Desta forma, “os limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara de demarcar a sua identidade” (Colling, 2014, p. 24). Ao ultrapassar os limites da

⁵ O S. Christovão feminino venceu o Vasco feminino por 2x0. *A Manhã*. Rio de Janeiro, maio de 1929, Anno IV, n. 1055. p. 9.

“natureza feminina” as mulheres tornaram-se imorais e indecentes, ferindo o ideal da “verdadeira mulher”. Jogar futebol, no caso das mulheres, nas primeiras décadas do século XX, era um desvio de conduta⁶.

As mulheres que eram, desde o século XIX, incentivadas a praticar exercícios físicos, particularmente a ginástica, causaram intensas discussões ao entrarem em campo e praticarem o futebol. Os exercícios físicos desenvolvidos pelo corpo feminino deviam construir um organismo forte, conforme Wagner Xavier de Camargo (2020), na tríade: saúde, força, beleza. Aos curiosos e defensores da prática do futebol de mulheres, a beleza das moças, exaustivamente noticiada, superava a falta de técnica. O jogo assumia a função de espetáculo. Entretanto, se para alguns o futebol era uma prática permitida às mulheres, havia explícita necessidade de constante vigilância sobre os corpos que entravam em campo.

As primeiras edições do Jornal dos Sports noticiaram o futebol de mulheres. Em 1931, na trigésima terceira edição, o jornal divulgou um festival organizado pelo Brasil F.C. que contou com “um prélio feminino do violento sport bretão⁷”.

O feminismo avança ... Dois teams de senhoritas vão disputar um match de football. Há tempos, realizou-se no Stadio do Vasco da Gama, pela primeira vez no Brasil, um encontro de dois teams de football formado de gentis e encantadoras patrícias, encontro cuja renda foi em favor de caixas escolares. O exito foi completo, que mais tarde, repetiu-se a “dose”. Agora volta, de novo, à baila, a ideia lançada pelo nosso companheiro Tenorio D’Albuquerque. É que o Brasil F.C., recentemente filiado à Amea, está organizando um grande festival para o dia 3 do mez vindouro, consistindo uma das provas em um prélio feminino do violento sport bretão. E depois ainda dizem que o feminismo não avança...⁸.

Logo após sua fundação o Jornal dos Sports evidenciou a discussão sobre futebol de mulheres. Não por acaso, a primeira reportagem que aborda o tema relatou as intenções de Tenório de D’Albuquerque em realizar um “prélio

⁶ Sobre a naturalização do pertencimento das mulheres na esfera doméstica, sugerimos as leituras: PATEMAN, Carole. O contrato sexual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993; PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

⁷ A utilização do termo “sport bretão” informa sobre a origem dessa prática, que, segundo a narrativa oficial, surgiu na Inglaterra e chegou ao Brasil por meio de Charles W. Miller, um brasileiro de origem inglesa.

⁸ O feminismo avança ... Dois teams de senhoritas vão disputar um match de football. Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, abril de 1931, Anno I, n. 33. p. 2.

feminino”. O Jornal dos Sports, ao anunciar Tenório de D’Albuquerque, o fez como “companheiro”. A apresentação não era aleatória. Tenório compunha a equipe de redação do Jornal dos Sports, na função de redator chefe e responsável pela seção de boxe. Uma figura importante no campo esportivo da época, fundador da Comissão de Boxe, cronista e árbitro⁹.

Em 30 de abril de 1931 o jogo foi novamente anunciado. Nesse novo anúncio o Jornal dos Sports lembrou seus leitores sobre o evento. O subtítulo da notícia informa que: “Domingo próximo, no campo do Brasil F.C., dois teams femininos disputarão uma partida de football”. A notícia está localizada na segunda página, ao lado da coluna “Críticas e Sugestões” – editorial do Jornal dos Sports. No título “MULHER BRASILEIRA empolgando o “association””, o jornal destacou, com o uso de letras maiúsculas, os termos mulher e brasileira. O texto seguiu apresentando o festival, o local e as praticantes.

Os sportmen suburbanos vão assistir domingo proximo a um interessante match de football disputado por encantadoras patricias. Como parte integrante de um festival organizado pelo Brasil F. Club filiado a 2ª divisão da Amea, haverá, no “ground” da rua Sá, em Piedade em homenagem ao dr. Octavio Ferreira Pinto, o prélio entre os quadros denominados Mme. Helena Alves e Mme. Aldino Macedo, os quaes se constituirão do seguinte modo: HELENA ALVES – Eurice, Cecilia e Izaura; Odette, Linica e Antonietta; Helia, Pequeninina, Yolanda, Ocirema e Nicinha. ALDINO MACEDO – Zinah, Maria de Lourdes e Aldevia; Magdalena, Ivandina e Joanna; Zuleika, Adelia, Lindalia, Shopia e Adalgiza. Para que seja feita uma exhibição à altura estes teams já realizaram alguns treinos, entre si, devendo repetir os exercícius ainda essa semana. Como se vê, o feminismo vae proporcionar, domingo, sensações novas aos adeptos do “association” e ... das mocinhas bonitas também!¹⁰.

O jogo anunciado aconteceria no subúrbio do Rio de Janeiro, no Bairro Piedade, em homenagem ao médico dr. Octavio Ferreira Pinto. Os times Mme. Helena Alves e Mme. Aldino Macedo entraram em campo. A notícia trouxe a escalação que contava com onze mulheres em cada time. Destaca-se a ausência de sobrenomes e a utilização de apelidos para se referir a Linica, Pequeninina e Nicinha. É preciso se atentar também ao fato de que as mulheres

⁹ Informações disponibilizadas pelo Jornal dos Sports na reportagem “A nossa secção de box. Tenório de D’Albuquerque”. Ver: A nossa secção de box. Tenório de D’Albuquerque. Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, Abril de 1931, Anno I, n. 20. p. 5.

¹⁰ A mulher brasileira empolgando o “association”. Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, abril de 1931, Anno I, n. 40, p. 2.

assumiam posições em campo.

A prática do futebol de mulheres, num primeiro momento, parece responder aos interesses do *Jornal dos Sports* que se esforçou em realizar uma ampla divulgação dos eventos no ano de 1931. Desde o primeiro ano de circulação o *Jornal dos Sports* demonstrou ser um ávido defensor das práticas esportivas, inclusive para as mulheres. Contudo, as intenções do jornal ao divulgar o futebol de mulheres não estavam ligadas a uma campanha de regulamentação dessa prática no Rio de Janeiro e, sim, em gerar notícias que despertassem a curiosidade dos leitores, visando aumentar as vendas do jornal.

O ano de 1931 apontou para novos significados e novas sujeitas na prática do futebol de mulheres no Brasil. Os times Mme. Helena Alves e Mme. Aldino Macedo, filiados ao Brasil Suburbano F.C., protagonizaram histórias no futebol de mulheres. Todavia, a prática que parecia “empolgar o association”, como divulgado pelo próprio jornal, não permaneceria nas edições do *Jornal dos Sports*.

A presença de jogos nos centros e subúrbios do Rio de Janeiro evidenciavam discussões a respeito dos corpos que entravam em campo. Entre 1932 e 1939, o silenciamento da prática do futebol de mulheres se deu de forma generalizada na imprensa do Rio de Janeiro. Até mesmo os impressos que se colocavam como favoráveis à exibição das moças no “esporte bretão”, tomando os devidos cuidados com a prática, invisibilizaram as mulheres em campo. Curiosamente, o silenciamento da prática do futebol de mulheres não significou o apagamento dessas sujeitas nos esportes. As mulheres continuavam presentes nas arquibancadas, nos concursos de rainha de clubes e em diversas modalidades esportivas.

Na medida em que as mulheres praticantes do futebol desaparecem por um longo período das edições, o *Jornal dos Sports* se esforçou em representar as mulheres nos espaços de assistência. A mulher-torcedora era exibida pelo jornal como bela, graciosa, entusiasmada, apaixonada pela prática esportiva (compatível com sua natureza) e por um time de futebol. A imagem da mulher no *Jornal dos Sports* delimitava os espaços permitidos para seu corpo no futebol. Enquanto praticantes eram apresentadas como uma “imitação dos homens”, como torcedoras carregavam a paixão pelos seus times e frequentavam as arquibancadas, sempre acompanhadas por homens da sua família.

As mulheres que compunham a assistência aos jogos de futebol eram exibidas pelo *Jornal dos Sports* como torcedoras. Nas páginas do jornal, a vinculação da mulher ao sentimento clubístico eram evidentes. Contudo, a partir de 1932 a representação da torcedora ganhou maior notoriedade. Ressaltamos que, o período de silenciamento no *Jornal dos Sports* não está diretamente ligado com o desaparecimento da prática do futebol por mulheres no Rio de Janeiro. A presença e a ausência do futebol de mulheres nas edições do *Jornal dos Sports* atendiam aos interesses do periódico e das normatizações da sociedade em que era produzido. Nessa direção, “estudar o texto/discurso de jornal significa compreender não só como o texto produz sentido, mas para qual sociedade historicamente determinada produz sentido” (Cyrre, 2013, p. 42). O jornal produz discursos que podem visibilizar ou invisibilizar homens e mulheres no tempo.

As mulheres jogadoras de futebol voltaram a aparecer no jornal somente em 28 de dezembro de 1939, quando o *Jornal dos Sports* publicou os resultados das provas realizadas no festival Bento Ribeiro Football Club. Na notícia é citada a disputa entre os quadros femininos, sendo o Bento Ribeiro e o Azul-branco. Conforme a matéria, o jogo terminou com o empate de 0x0¹¹. Sem muitos detalhes ou descrições a notícia marcou o retorno das publicações sobre o futebol de mulheres no *Jornal dos Sports*.

Em outra notícia publicada em março de 1940, o S.C. Brasileiro convocava sua “equipe feminina” para o festival, organizado pelo Frei Miguel F.C., que aconteceria no campo do Cassino Realengo. Nesse festival, “tomaram parte várias equipes femininas”. A diversidade de equipes chama atenção. Em 1940 já se conhecia, por meio das notícias publicadas nas edições do *Jornal dos Sports*, as equipes do A.C. Independente, Bento Ribeiro, S.C. Brasileiro, Cassino Realengo, Eva F.C., Valqueire F.C. e Primavera F.C.

Mais do que publicar sobre os jogos de futebol de mulheres, o *Jornal dos Sports* organizou e promoveu essa prática. Em 13 de março de 1940 lançou uma nota comemorativa celebrando seus 9 anos de circulação. Entre a programação de seu aniversário estava a realização de uma missa em ação de graças e um jogo de “futebol feminino”. Assim enfatizava:

¹¹ Festival do Bento Ribeiro football club. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, dezembro de 1939, Anno IX, n. 1283, p. 5.

Encerrando as comemorações pela passagem de mais um aniversário de JORNAL DOS SPORTS será realizado no campo do S.C. Tavares um jogo de football feminino, no qual será disputada a “Taça Mario Rodrigues Filho”. Esse cotejo servirá também para inaugurar os reflectores do campo do sympathico grêmio S.C. Tavares¹².

A notícia é intitulada como “As partidas sensacionaes do football feminino”. O emprego do adjetivo sensacional ao se referir aos jogos de futebol de mulheres desperta curiosidade. Os jogos noticiados pelo Jornal dos Sports em 1931 eram geralmente anunciados como “disputas curiosas” e/ou atrelados aos “avanços do feminismo”. A mudança no título sinaliza as intenções do jornal em criar e (re)afirmar novas representações da prática do futebol por mulheres.

Os jogos de futebol de mulheres ganhavam um significativo espaço no campo esportivo. O Jornal dos Sports chegou anunciar em nota a realização de um jogo entre o Eva F.C. e o Brasileiro, em abril de 1940, e complementava que os times “sempre arrastam para o campo elevado numero de “fans””¹³. As partidas de futebol de mulheres passaram a ser realizadas para além do subúrbio do Rio de Janeiro e se espalharam para outros estados brasileiros, como São Paulo e Minas Gerais.

O anúncio das “partidas sensacionais”, os jogos realizados em Minas Gerais e São Paulo, e a presença marcante do “elevado numero de fans” demonstram um cenário interessante para o futebol de mulheres no Brasil. Eriberto José Lessa Moura comenta que “parecia mesmo que o futebol feminino, definitivamente, “fincava” suas bases no subúrbio carioca e, a partir desse local, alcançaria outras camadas sociais” (2003, p. 37). As reportagens publicadas no Jornal dos Sports apresentavam um discurso favorável à prática do futebol de mulheres em 1940, embora a posição do periódico se pautasse em questões ideológicas e interesses comerciais. O futebol de mulheres que ganhou expressiva divulgação não foi isento de críticas. As opiniões dos jornalistas esportivos e de profissionais da medicina não eram homogêneas, desse modo, havia os que se manifestavam favoráveis e contrários à prática.

¹² Nove anos que apontam a consciência de um dever cumprido. Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, março de 1940, Anno X, n. 3246, p. 4.

¹³ Teams femininos na preliminar. Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, abril de 1940, Anno X, n. 3282, p. 6.

Em meio às opiniões favoráveis e contrárias à prática do futebol de mulheres ocorreu, em 1940, a discussão sobre a regulamentação dos esportes no Brasil. O esporte se apresentava não apenas como uma questão do campo esportivo, mas, também, uma questão de Estado¹⁴. Para o governo do presidente Getúlio Vargas, durante o Estado Novo (1937-1945), as práticas esportivas se manifestavam como meio de disciplinarização dos corpos e aperfeiçoamento da raça (SILVA, 2020).

As apropriações políticas do esporte, em especial do futebol, sucederam em intervenções diretas do Estado sobre o corpo e sobre as práticas esportivas. Posto isto, em 1941 surgiu por meio do Decreto-lei 3.199 uma sistematização do esporte em nível nacional. Respondendo às intensas discussões a respeito do futebol de mulheres, o Artigo 54 do referido decreto-lei determinava que: “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”¹⁵. Ficou a cargo do recém-criado Conselho Nacional de Desportos determinar as práticas esportivas compatíveis ao “sexo frágil”. Na edição de 4 de setembro de 1941 o *Jornal dos Sports* publicou, na primeira página, as instruções que regulariam a prática dos desportos “feminino”. E, conforme a notícia, as mulheres não podiam “jogar o football nem o box!”¹⁶. Isto é, o futebol não era prática de mulheres. A imposição do gênero masculino sobre as mulheres que praticavam futebol, legitimada pelo Estado, durou mais de 40 anos. Somente em 1983, o Conselho Nacional de Desportos liberou e regulamentou a prática do futebol para mulheres no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁴ Ver: SILVA, Kelen Katia Prates. *Eram tempos de massas: o futebol e a política na formação da identidade nacional brasileira durante a era Vargas (1930-1938)*. 2016. Monografia (curso de História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016; Caldas, W. (1994). Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, pp. 41-49, jun.-ago; Franzini, F. (1997). Futebol, identidade e cidadania no Brasil dos anos 30. In: *Caderno de Resumos, XIX Simpósio da ANPUH, Belo Horizonte*; Machado, F. M. (2001). *Bola na rede e o povo nas ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938*. São Paulo: PUC.

¹⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del3199.htm. Acesso em: 03 janeiro 2019.

¹⁶ A mulher não pode jogar o football nem o box! *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, setembro de 1941, Anno XI, n. 3701, p. 1.

As reflexões desenvolvidas neste artigo contribuem para os estudos de gênero e das práticas de futebol de mulheres no Brasil, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, nas primeiras décadas do século XX. Compreendemos que o futebol e os esportes de maneira geral são construções sociais e carregam representações da sociedade que os forjam.

Os primeiros indícios e registros jornalísticos sobre a prática do futebol de mulheres datam da primeira década do século XX. No Brasil, o futebol de mulheres teve (e ainda tem) resistência por parte da sociedade, pois historicamente foi representado com um esporte de homens. Tal representação é evidência de uma sociedade e país que se construiu sob a égide do patriarcado.

A partir da fonte analisada, o *Jornal dos Sports*, publicado na cidade do Rio de Janeiro, em 1931, percebemos que o periódico ora incentivava as mulheres à prática do esporte, outrora silenciava e invisibilizava sua participação no campo esportivo, em especial no futebol. O *Jornal dos Sports*, meio de comunicação que circulava entre as elites políticas e econômicas da época, registrou a participação das mulheres nos campos de futebol e teceu representações, sobretudo, ao corpo feminino, pautado em visões moralistas de uma sociedade predominantemente machista.

Jogar futebol nas primeiras décadas do século XX, no Rio de Janeiro, era um processo de resistência. As jogadoras tiveram que lidar com as representações de que não eram aptas para a prática, seus corpos eram frágeis e não combinavam com a modalidade esportiva. Posto isto, as mulheres assumiram o protagonismo de suas histórias e dos seus corpos e ensinaram, do século XX ao XXI, que futebol também é coisa de mulher.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. Prefácio. In: MELO, Victor Andrade de et al. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013. p. 11-19.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebolis no

Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020, p. 589-604.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais**: a construção histórica do corpo feminino. Dourados: UFGD, 2014.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2011.

CYRRE, Magda Regina Lourenço. Reflexões sobre o discurso jornalístico: contribuições para interpretação. **Revista Entrelinhas**, v. 7, n. 1, p. 42-52, jul./dez., 2013.

MOURA, Eriberto José Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2003.

PISANI, Mariane da Silva. Gênero: um conceito útil para a análise esportiva e futebolística. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda; PISANI, Mariane da Silva (org). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020. p. 317-335.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em História. 2ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

REIS, José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Futebol e História. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt (Org). **O futebol nas Ciências Humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020, p. 139-151.

SILVA, Kelen Katia Prates. **O jogo das letras**: práticas esportivas e futebol de mulheres nas páginas do Jornal dos Sports (1931-1941). Curitiba: CRV, 2020.

Recebido em: 11/04/2024

Aprovado para publicação em: 14/04/2026